

Educação do Corpo e a prática corporal do CrossFit: usos políticos e sentidos estéticos da cultura fitness

Educación corporal y práctica corporal de CrossFit: usos políticos y sentidos estéticos de la cultura fitness

Jerlane Santos Abreu

Fabio Zoboli

Universidade Federal de Sergipe- UFS

Aracaju-Brasil

George Saliba Manske

Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI

Santa Catarina-Brasil

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir e interpelar a educação do corpo tendo como recorte a prática corporal do CrossFit analisada sob a temática da cultura fitness na Academia “CrossFit AJU”. O CrossFit é trazido ao texto na expectativa de se pensar questões políticas e estéticas por meio desta prática corporal. O objeto é analisado a partir de dois eixos temáticos: “Os discursos como categoria fundante do sentimento/pertencimento de tribo” e “o CrossFit como um dispositivo de autogoverno de si”. Conclui-se que os modos de educação do corpo via CrossFit são efeitos de dispositivos que subjetivam condutas individuais e grupais muitas das vezes disfarçadas pelos discursos de lazer produtivo e preventivo, pela via da culpabilização e responsabilização pelo autogoverno de si.

Palavras-chave: Educação do corpo; Crossfit; Prática corporal.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar y cuestionar la educación del cuerpo teniendo como recorte la práctica corporal de CrossFit analizada bajo el tema de la cultura fitness en la Academia “CrossFit AJU”. El CrossFit se incorpora al texto con la expectativa de pensar en cuestiones políticas y estéticas a través de esta práctica corporal. El objeto se analiza desde dos ejes temáticos: “Los discursos como categoría fundacional del sentimiento/pertenencia a la tribu” y “CrossFit como dispositivo de autogobierno”. Se concluye que las formas de educar el cuerpo a través del CrossFit son efectos de dispositivos que subjetivan los comportamientos individuales y grupales, muchas veces disfrazados por los discursos del ocio produtivo y preventivo, por la culpa y rendición de cuentas por el autogobierno.

Palabras clave: Educación del cuerpo; Crossfit; Prática corporal.

Introdução

Este artigo é fruto de uma dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O texto tem como objetivo reflexionar e interpelar a educação do corpo via prática corporal do CrossFit analisada sob a temática da cultura *fitness* junto a Academia CrossFit AJU localizada na cidade de Aracaju-SE. O CrossFit foi trazido ao escopo de nossa pesquisa na expectativa de se pensar questões políticas e estéticas por meio dessa prática corporal. Por isso, é central para o nosso estudo o conceito de “Educação do corpo”.

Educar los cuerpos implica transmitir discursos políticos y sentidos estéticos, incluso cuando no sean explícitos o sus implicaciones difusas. [...] por “educación del cuerpo” se entienden las técnicas y prácticas corporales transmitidas culturalmente cuya razón se explica por las significaciones sociales que representan sus incorporaciones (GALAK, 2017, p. 8).

Para Le Breton (2009, p. 24), “qualquer questionamento sobre corpo requer antes a construção de seu objeto, a elucidação daquilo que subentende”. Nesse sentido, construir em torno do corpo um objeto para ser pesquisado implica considerar que ele só pode existir por meio dos discursos inerentes às suas práticas. Isto exige estudá-las sob a mirada da política nas quais elas estão inscritas, como sugere Galak (2014, p. 356): “Investigar o corpo significa refazer os caminhos pelos quais a incorporação dos sentidos analisados transitou”. Assim sendo, compreende-se que as práticas corporais são essenciais nas pesquisas em educação, para percorrer sobre os discursos produzidos no e para o corpo.

O CrossFit como um elemento de empreendimento do corpo, cujos objetivos se inserem na perspectiva do “dever ser”, também se insere na propagação da cultura do corpo *fitness*. A cultura *fitness* surgiu nos Estados Unidos, na década de 1970, originado pelo ex-ginasta Greg Glassman. Essa prática corporal atingiu seu ápice na década de 1980, segundo Landa (2009), e foi propagada como um movimento no qual disseminou novos olhares para os conceitos e sentidos de saúde e beleza bem como para a atuação do Profissional de Educação Física, e conseqüentemente, para a educação do corpo.

Por sua vez, o CrossFit já é conhecido como um fenômeno que em poucas décadas de sua origem já vem sendo disseminado como “filosofia de vida” por alguns praticantes. O

CrossFit chegou ao Brasil em 2009 trazido pelo instrutor Joel Fridman no estado de São Paulo. Atualmente, possui mais de 15 mil filiados no mundo; e no Brasil, já possui mais de 1 mil Boxes. Diferentes dos espaços de atividade físicas tradicionais, os espaços de prática do CrossFit são chamados de Box (CROSSFIT, INC. 2019). Essa prática corporal repercute como um programa inovador de treinamento com um conjunto de exercícios diversificados, abrangente e inclusivo, que tem como objetivo a execução de sessões de treinamento de alta intensidade, no menor tempo possível em um conjunto maior de repetições, buscando desenvolver a aptidão e otimização das capacidades físicas, preparando os praticantes para “qualquer contingência física” (GLASSMAN, 2018).

O CrossFit vem ganhando cada vez mais destaque, pois se estrutura por meio de discursos motivacionais, disseminado por um conjunto de benefícios individuais e sociais de característica inclusiva e de movimentos diversificados, fatores estes, que se inserem na responsabilidade de propagar os discursos focados nas modificações estética, éticas e de sentidos políticos do corpo. Sobre essas considerações, pensar o corpo sobre a ótica dessa prática corporal nos exige, assim, considerar os discursos que se materializam em um determinado grupo e indivíduos.

Diante destes cenários de exercícios de si sobre o corpo, pode-se afirmar que a cultura *fitness* é percussora para estabelecer os desejos pela construção de corpos baseados na “ditadura” da beleza, da agilidade e da eficiência por meio de gestos técnicos. Além disso, percebe-se que o CrossFit está associado à trama social da cultura *fitness*, na reprodução do grande movimento de encaixe e ajuste dos corpos. Porém, são diferenciados por justificarem seus objetivos além dos aspectos fisiológicos – com um vetor semântico muito forte ligado ao aspecto da dor – pois, julgam serem uma filosofia de vida.

Assim sendo, buscando compreender as relações corpóreas inerentes à prática do CrossFit, compreende-se que seus sentidos estéticos e políticos se inserem em uma trama de sentidos que corroboram com os objetivos inerentes aos discursos de poder atribuídos por Michel Foucault, ao afirmar que “ele estabelece uma sujeição do corpo ao tempo, com o objetivo de produzir o máximo de rapidez e o máximo de eficácia” (FOUCAULT, 2014, p. 31). Desse modo, também parte da premissa de que, o CrossFit é uma prática corporal que se insere num contexto de disciplinaⁱ, de forma direta ou mesmo sutis de controle. Deste

Educação do Corpo e a prática corporal do CrossFit: usos políticos e sentidos estéticos da cultura fitness modo, há um poder que se exerce por meio dos discursos que operam nesse contexto, que consistem em conduzir condutas, estrategicamente formuladas em uma propagação *fitness*, midiática ou mesmo, por suas regras próprias de convivência interna.

Contudo, o interesse de investigar essa prática corporal partiu da premissa de que é necessário analisar a experiência estética produzida nas relações corpóreas existentes entre os praticantes do *CrossFit* e para identificar de que forma se materializa a educação do corpo, ao passo que buscamos compreensões e reflexões das práticas discursivas e não discursivas desse grupo de praticantes. Deste modo, o *CrossFit* é aqui entendido como parte de um dispositivo, pois se insere numa rede de intervenções corporais que é a cultura *fitness*. Desse modo, atua como uma prática corporal que responde à urgência de regular, disciplinar e controlar corpos ao mesmo tempo que aciona tecnologias de subjetivações.

Contudo, diante de nossa escolha metodológica identificamos no campo analítico as reflexões sobre as condições que acionam modos de ser e de educação do corpo, com a prática corporal do *CrossFit* AJU, bem como seus possíveis modos de subjetivaçãoⁱⁱ em meio à cultura *fitness*. Em nossa dissertação a pesquisa resultou em algumas seções que o campo nos permitiu interpretar e refletir, e para este escrito elegemos e delimitamos duas delas para serem apresentadas: *Os discursos como categoria fundante do sentimento/pertencimento de “tribo”* e *O Crossfit como um dispositivo de “autogoverno de si”*.

Para lograr o já anunciado objetivo deste escrito, organizamos o mesmo a partir de mais outras três sessões para além dessa introdução que recorta o objeto e apresenta alguns conceitos chaves de nosso estudo. Na segunda parte apresentamos e teorizamos o percurso metodológico utilizado no estudo. Na terceira sessão analisamos e discutimos os resultados de duas temáticas sintomáticas do campo empírico: a) *Os discursos como categoria fundante do sentimento/pertencimento de “tribo”* e, b) *O Crossfit como um dispositivo de “autogoverno de si”*. Na terceira e última parte do texto tecemos nossas considerações finais.

Percursos Metodológicos

O estudo opta pela abordagem de viés qualitativo, considerando que os dados foram recolhidos de um contexto rico em detalhes que, de modo descritivo, investigam as relações sociais e os pormenores que o cercam. Assim, a investigação qualitativa ocorre na

busca pela análise dos elementos desse contexto, como os diálogos, os locais, os comportamentos e os sujeitos. Ao mesmo tempo que valoriza as subjetividades de investigador e investigados, por isso, as observações e reflexões devem ser registradas e documentados em instrumentos selecionado para a análise (FLICK, 2009).

Considerando que esta pesquisa inquieta-se com a compreensão dos discursos que engendram o comportamento desse grupo, suas opiniões, atitudes e suas relações corpóreas, no contexto do *CrossFit Aju*, organizamos a produção de dados em dois momentos: Um primeiro momento de contato prévio como participante e um segundo momento que ocorreu com a realização das entrevistas. Nos balizamos por uma não definição rígida e fixa sobre método, mas por uma lógica que vai sendo conduzida pelo próprio campo e as possibilidades que encontramos no decorrer desse percurso.

A pesquisa se caracterizou como “observação participante” e “exploratória”. A observação participante se destaca pela integração do pesquisador ao estilo de vida do grupo investigado, adotando assim, um envolvimento no cotidiano do grupo. (PERUZZO, 2005). Enquanto “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos [...]” (GIL, 2008 p. 27).

Nosso estudo foi realizado na academia *CrossFit Aju* da Cidade de Aracaju/SE. A academia *CrossFit Aju* é conhecida como primeiro box oficial afiliado à *CrossFit* no estado de Sergipe, e por conta disso é a que está em atividade há mais tempo na cidade. Inicialmente procuramos os gestores da academia para vermos a possibilidade de execução da pesquisa. Dessa forma, solicitamos a autorização para a pesquisa e o “Termo de Livre Consentimento”. Após a autorização foi realizada a matrícula para inserção enquanto praticante, em torno de um mês, numa frequência de três vezes por semana inserida ao campo empírico com os demais sujeitos da pesquisa. Importante citar também que esta pesquisa passou pelo crivo do Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

O segundo momento da pesquisa se caracterizou por explorar o campo com as ferramentas da coleta de dados. Os materiais produzidos são as principais bases de análise e, portanto, precisam não apenas ser vistas como provas, mas como o material que recolhidos de modo fidedigno transformam a compreensão empírica para a construção

Educação do Corpo e a prática corporal do CrossFit: usos políticos e sentidos estéticos da cultura fitness científica (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Portanto, após ter passado um mês como praticante, em torno da segunda semana de dezembro (10 de dezembro de 2019), houve a apresentação da pesquisadora ao grupo investigado, dando início as entrevistas.

Todos os dados foram produzidos com o auxílio de registros fotográficos, bem como a transcrição dos áudios das entrevistas. Desde o primeiro contato na qualidade de participante/cliente do *CrossFit* AJU, percebemos a proliferação de práticas discursivas e não discursivas como uma categoria máxima de análise. Desse modo e ancorados nas perspectivas foucaultianas, compreendemos que o discurso é tanto meio de análise quanto principal recurso que engendra comportamentos. Logo, é também a partir de determinados discursos que outros emergem diante dos contextos que constroem a política e estética do *box CrossFit* AJU.

Portanto, conduzimos nossa análise de dados embasados em ferramentas foucaultianas, tendo como base princípios de suas análises dos discursos. Para esse autor o discurso está em um jogo de ação e reação, e que por muito tempo, limitou-se a “um conjunto de fatos linguísticos ligados entre si por regras sintáticas de construção” (FOUCAULT, 2015, p. 09). Porém, aqui não veremos os discursos sob uma perspectiva de regularidades linguísticas, mas de outras regularidades que se envolvem no campo de dominação ou mesmo de esquiva, ou seja, no campo de lutas. Em nosso campo de análise, buscamos relacionar tanto as falas quanto os enunciados que se proferem no ambiente do *box*, e ambiente virtuais de interação como as redes sociais.

Contudo, o diálogo verbal realizado com os entrevistados foi registrado através de gravações e posteriormente transformados em textos. As entrevistas foram propostas para serem realizadas de formas individuais, porém sem restrição da presença de algum outro praticante que desejasse ouvir o diálogo. Assim, algumas entrevistas ocorreram com a presença de mais de um praticante, tendo em vista que, o local disponível no *box* ficou restrito ao ambiente de interação e espera dos praticantes, nas mesas da cantina, localizada na entrada do *box*.

Foram entrevistado um total de 23 sujeitos, sendo cinco professores/*coaches* e dezoito praticantes/atletas da prática corporal *CrossFit*. A faixa etária do grupo varia em média de 26 anos a 47. Dentre os vinte e três entrevistados, onze indivíduos são do sexo feminino e doze do sexo masculino. O grupo de praticantes é composto por advogados,

professores universitários, magistrados, estudantes de diferentes áreas e, inclusive, há dois profissionais de educação física, assim como profissionais da comunicação e empreendedores. Dentre os entrevistados praticantes, há indivíduos que estão praticando o *CrossFit* a dois meses, um ano, e até mesmo desde cinco anos, porém a maioria tem em média dois de prática.

Para organização da análise dos dados, cada entrevistado foi nomeado com uma letra do alfabeto, sendo vinte e três entrevistados, equivalendo a nomeação de “A” a “W”. No entanto, na dinâmica da análise discursiva, nem todas as falas dos entrevistados foram trazidas em evidência na análise dos dados, reconhecendo que não haveria necessidade da repetição do enunciado as quais conotaram mesma possibilidade de funcionamento e de interpretações.

Resultados e discussões

a) Os discursos como categoria fundante do sentimento/pertencimento de “tribo”

Damos início a esta tarefa de análise mencionando que, por um conjunto de evidências estéticas e políticas que os caracterizam, compreendemos o grupo pesquisado como uma espécie de “tribo”. Defende-se o conceito e/ou metáfora tribo nesta análise a partir da conceituação do sociólogo francês Michel Maffesoli (1997), o qual defende que a ideia de tribos urbanas e/ou tribalização do mundo é fundamental para compreender que todos estamos ligados a interesses semelhantes que nos agrupam.

Nesse sentido, para esse mesmo autor somos aproximados por elementos culturais, ou seja, somos constituídos por outros indivíduos que se aproximam dos nossos modos e estilos de viver, atravessados pelo mesmo espaço-tempo. Dessa maneira, os sujeitos se inserem num conjunto de regras que unem e organizam as pessoas em determinados grupos por afinidades. Por isso, defende-se que no *Box* pesquisado *CrossFit* *AJU*, faz-se presente uma ideia de tribo, uma vez que se fundamentam e são movidos por discursos que fazem funcionar comportamentos, motivações e sentimentos múltiplos, compartilhando, assim, um semelhante estilo de vida.

Essas afirmativas também nos conduziram a perceber que, o grupo do *CrossFit*, tal como outros que fazem parte da cultura *fitness* (grupos de ginástica, musculação, modalidades esportivas diversas) ou qualquer grupo de sujeitos que se beneficiam de

Educação do Corpo e a prática corporal do CrossFit: usos políticos e sentidos estéticos da cultura fitness

alguma prática como técnica de melhoramento corporal, também estão assujeitados a uma condição de pertencimento de grupo, ou seja, apresentam um conjunto de regras que os fazem pertencentes a uma espécie de tribo. Dessa forma, tanto o *CrossFit* quanto essas diversas práticas corporais citadas estão atravessadas e marcadas por diferentes modos de socialização e diferentes modos de educação do corpo. Entretanto, no interior de suas condições e regras, estão sustentadas por discurso de pertencimentos, que conduzem condutas, modos de pensar, sentir, de se comportar, ou como não se comportar, ou mesmo, como não sentir. Portanto, isso ocorre mediante discursos próprios, dados como verdades, produzidos no interior de suas relações.

Tendo em vista que o objetivo dessa investigação foi de interpelar os modos de educação do corpo a partir da prática corporal *CrossFit*, os discursos que se fazem presentes no contexto do *box CrossFit* AJU inserem-se como uma característica unânime, que provocam por ele mesmo, outros e outros discursos de verdade como naturais, tornando-se práticas discursivas hegemônicas, com regras e normas institucionais por meio de práticas mínimas (FISCHER, 2003).

Ainda assim, sobre a perceptiva foucaultiana da análise do discurso, Fischer (2003) vai defender que pelo discurso é possível compreender como nos tornamos sujeitos e como as verdades vão se transformando, e, portanto, moldando, persuadindo modos de pensar, agir e sentir. Desse modo, vemos uma potente contribuição nesses pressupostos para refletirmos, considerando então, as verdades que se transformam para cada sujeito e/ou a população do *box CrossFit* AJU, diante dos seus modos de educação do corpo mediante a cultura *fitness* e suas produções de subjetividades.

Partindo desses pressupostos, também tentamos nos basear na afirmativa de Veiga- Neto (2003), que defende que existem múltiplas relações pelas quais o contexto referido definirá ou mesmo limitará as regras do que é permitido, do que se torna comum de ser dito e propagado, bem como, o que foge da regra do permitido. Assim sendo, “[...] mais do que subjetivo, o discurso subjetiva [...]” (VEIGA NETO, 2003, p. 120).

Compreende-se que os modos de educação dos corpos no contexto do *box* foram construídos pelo que se “diz” de modo muito constante e enfático sobre o *CrossFit*, ou seja, de toda uma prática discursiva, efeito de uma construção tanto de práticas quanto da linguagem muito própria e específica daquele grupo. Por isso, analisamos que diante das

entrevistas grande parte dos participantes da pesquisa fazem uso de um discurso de pertencimento. Esses discursos nos conduzem a perceber e mapear um regime de verdades que acolhe os sujeitos em um conjunto de características do dito “crossfiteiro” e os sustentam como uma tribo. Logo, isso também é justificado pela ênfase no uso de um vocabulário único, previsto até via construção de um dicionário que contém todos os nomes de movimentos e expressões próprias de uso cotidiano de todos os integrantes.

Portanto, é sobre as condições que levaram à legitimação dessas verdades, desse conjunto de regras, de vocabulário próprio, e do discurso sempre tão positivo, que também se compreende o contraponto, ou seja, as condições que levam a não acolherem qualquer sentimento de negatividade, pois defendem que este deve ser efetivamente camuflado por um discurso de positividade e motivação. Nesse sentido, são produzidos no interior e exterior ao *box*, discursos, imagens, comportamentos, tais como vestimentas e vocabulário próprio, produzidos desde o contexto físico do *box*, onde se localiza o principal meio das relações e convivência, até mesmo pelos meios de comunicação midiáticas.

Ressalta-se ainda, que é a partir desses espaços, tantos reais quanto virtuais que se estruturam um conjunto de regras e sentimentos, ou seja, são formuladas delimitações estéticas e políticas muito próprias, sustentando, assim, um saber e um poder operante sobre as relações dos sujeitos consigo mesmo e com os outros, ou seja, na educação de seus corpos.

Destacamos, também, que nos referimos a um determinado *box* o CrossFit AJU, e que nossa intenção não é universalizar essa análise para todo e qualquer grupo, uma vez que observamos que cada *box* sofre variações na medida em que seus administradores têm total liberdade de conduzir seus regimentos e regras, os que costumam justificar como um conjunto de valores e princípios que regem a *filosofia de vida* do grupo. Segundo a proprietária, são organizados de acordo com os perfis do público do *box*.

Na sequência, apresentamos uma tabela (1) elaborada com base nos instrumentos escolhidos para construção dos dados. Estes registros se deram durante a minha/nossa atuação como pesquisadora/praticante/cliente, da prática corporal CrossFit.

Tabela 1: Falas dos entrevistados, sobre a construção discursiva do CrossFit

Sujeito	INSTRUMENTO: Entrevistas
A	[...] Eu, no início vivia no Google procurando o que era aquele movimento, primeiro por que é em inglês e por que é uns nomes muitos diferentes.
B	Mesmo sendo professora de inglês, é diferente, é muito específico, tenho que ir buscar o que significa aquele movimento.
C	Identidade Crossfiteira é quem defende sempre o esporte, e vive falando das atividades, em um vocabulário que só entende quem é crossfiteiro.
D	Isso aqui é encantador [...] tem todo tipo de gente, é muito heterogêneo esse ambiente, podemos ser iguais a todo mundo, sempre me senti pertencente, mesmo sendo de outro mundo.
E	Você cria outro aspecto social por meio do Cross, justamente porque acaba juntando pessoas que têm mais ou menos os mesmos interesses, que já passaram pelas mesmas experiências, as afinidades aqui acabam sendo naturais.
F	Se o aluno se sente encantado todos os dias, acolhido, ele não vai deixar de vir... e é por isso que o nome das pessoas está ali no quadro. Justamente com esse incentivo de superar, anotamos os resultados dele, para controlar os alunos, se ele vem todos os dias, controlar para poder avaliar a frequência e poder monitorar ele de forma segura.
G	[...] sou muito antigo também, treino bem, e isso faz uma camaradagem e admiração, aqui tem muito isso, eu elogio os outros e os outros me elogiam: Ah, quero ser como você! Existe essa irmandade aqui.
H	Crossfiteiro ... é quem se leva ao limite, não vestiria uma roupa dessa em nenhum outro lugar, pois aqui sou acolhida do jeito que sou. Tendo em vista minha profissão (magistrada), não me sentia à vontade de vestir isso... visto mini short, me sujo, não me incomodo se suo demais... porque aqui é uma terapia.
I	[...] todos nós somos atletas, habilidade são naturais, são apenas esquecidas, voltar a se reconhecer que você tem poder, estar sempre disposto e abertos a esse ambiente [...] aqui a gente se abraça muito... Ah, limitação psicológica, falta de conhecimento, não se permitir desafiar, é o que faz as pessoas desistirem do cross.
J	Aqui é um vício saudável, pelas melhorias dos aspectos físicos e bioquímicos;
K	Gosto da ideia de acabar a aula esgotada, esbagaçada, isso aqui é prazer, não é obrigação não...

Fonte: elaborado pelos autores a partir da fala dos entrevistados/ fevereiro de 2020.

Evidentemente que muitos desses discursos já se fazem presentes, em meio aos saberes que se firmaram diante de toda uma construção histórica da cultural *fitness*. Assim, se compreende que diante dessas falas sempre tão motivantes como: “vamos lá guerreira” ou “vamos lá minha atleta”, é que se faz necessário enfrentar, pois “não se pode fracassar”. Encontramos, portanto, uma subjetivação que prepara os corpos na ação de uma prática educativa, a qual “diz” que ficar cansada é permitido, porém, na condição estratégica de agir sempre positivamente ao humor e bem-estar.

Essas falas são enunciadas como características essenciais para o sentimento de pertencimento do dito “crossfiteiro” como “o que não desiste nunca”. Por isso, seguimos

adiante com uma reflexão a partir do relato de experiência, como pesquisadora participante, para, posteriormente, posicionar-se com a distância necessária entre o objeto e as demais interpretações dos dados empíricos.

b) O Crossfit como um dispositivo de “autogoverno de si”

Mediante os dados empíricos, seguimos considerando que também há uma amplitude tomada pelo discurso do *CrossFit*, como uma prática salvadora em contraponto às demais atividades tradicionais, fortalecida por um regime de verdades que enquadra suas práticas a um plano metafísico dos benefícios. Isso, portanto, é perceptível ao enquadrar discursos de cura para ansiedade, cura para os estresses, para os sentimentos de fraqueza, e para sentimentos de força, em que não há espaço para sentimentos de derrota. Percebemos, portanto, o quanto esses discursos são referenciados como possibilidade de disseminação de estratégias para sermos os responsáveis pelo nosso sucesso.

Sobre essas estratégias discursivas, vemos que o *CrossFit* se torna uma prática corporal na qual exerce um poder que se institui pelo seu caráter de positividade e por uma dita autonomia do indivíduo sobre ele mesmo. Assim, enquadra-se como uma pedagogia política de lazer produtivo/preventivo sobre a saúde dos corpos, na medida em que suas práticas incitam uma dinâmica motivacional que se adaptam a uma manutenção e autonomia de busca pelo tão sonhado bem-estar. Certamente, estas são justificações muito atrativas e convincentes para adesão de uma prática corporal, pois segundo alguns dos entrevistados, pensar no *CrossFit* Aju como *“um lazer e não como uma obrigação diária, permite também, gostar mais de praticar exercícios, já que eu nunca gostei muito, e isso ajuda a quebrar muitos dos preconceitos e estereótipos desse esporte.”* (ENTREVISTADA W)

Essas preocupações de reafirmar sobre o quanto essa prática corporal também “sofre” com discursos que os estereotipam, provoca uma análise sobre os contrários que ele pode produzir. Cabe nesse cenário de justificações, compreender o nível de exclusão, provocada pelos excessos de cuidado e controle sobre o corpo, ou seja, pelos contrários, por não ser o que a cultura desse grupo produz. Assim, à medida que se constroem todos esses discursos de lazer ativo, bem-estar, pedagogias totalizantes do corpo, é possível verificar que o inverso disso é a disseminação que potencializa a negação e exclusão do outrem.

Desse modo, qualquer contrário a uma vida investida em práticas saudáveis seria uma espécie de desvio que se reverbera em estereótipos negativos, como uma prática do mal, do excluído, e do inútil. Isso justifica a proporção do aumento sobre padrões de beleza, e principalmente, da exclusão e segregação pelas medidas e pesos corporais, do gordo, do obeso, julgados e discriminados. Para Soares (2008, p. 76):

A medida inaugura um modelo de olhar e ao mesmo tempo um modo de intervir, materializando com intensidade, e quase mecanicamente, os processos de conformação dos corpos [...]. Medir torna-se, de fato, a ação e a intenção primeira para domesticar o corpo e enquadrá-lo em supostas normalidades. Medir o peso, a força, a resistência, a velocidade, a flexibilidade, e hoje mais intensivamente, medir os índices de massa corporal [...].

Assim, salienta-se que cabe aqui refletir sobre o objeto em questão, sem pretensões de condenar muito menos negar os conteúdos científicos que já foram produzidos, comprovados, bem como as possíveis investigações futuras acerca dos benefícios da adesão e permanência em programas de “práticas saudáveis”. Reconhecendo, portanto, o quanto é possível e necessário a otimização dos aspectos educativos do sujeito, em nível individual, social, bem como no âmbito de saúde pública, via adesão de práticas corporais. Entretanto, refletimos criticamente sobre a adesão das excessivas adequações da saúde como utopia, que vem carregada de saber e poder sobre desejos, privilégios e, conseqüentemente, exclusões.

Nesse sentido, aqui se reflete que a saúde como utopia não apenas permite que o indivíduo deixe de caminhar na busca desta, mas que em meio a esse caminho percorra uma negação que condena os que apresentam condutas contrárias. Para esta afirmativa, é possível analisar a partir das definições de saúde segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), que define que saúde seria contemplarmos um completo bem-estar físico, mental e social e livre de qualquer doença ou enfermidade. Com base nessa definição, Soares (2019) problematiza que em meio à busca por uma *saúde perfeita*, inicia-se uma fonte inesgotável de controle da vida. Assim sendo, é em meio a essa busca por uma eficácia performática em que o corpo só descansa em morte, e isso ocorre desde simples fetos medicados, ou com os diversos estímulos como criança, pelo desejo de encaixe no padrão de sua idade e, assim, constantemente por toda sua longa vida “há que se morrer com saúde” (SOARES, 2019, p. 78).

Foi sobre essas análises que identificamos o quanto as práticas corporais contemporâneas estão fadadas a exercer um governo sobre a vida e a responsabilização individual do seu próprio sucesso. Em meio a esses discursos sobre a saúde, encontra-se a extensão sem limites das sensações, da condução dos desejos, sobre a via do medo, obtendo autoridade moral sobre a estética dos corpos ditos belos e produtivos, que são os contrários de uma vida sedentária e não ativa.

Por esse prisma, Farhi Neto (2008) apresenta que as narrativas que fazem surgir o uso do medo, como incentivo, apoderam-se da propagação de défices volitivos e de uma moral que julgam total responsabilidade do próprio indivíduo por seu bem-estar. Portanto, a adesão pela prática de exercícios ou de uma dita boa escolha nutritiva são as principais razões para nomear um indivíduo como autônomo ainda que inteiramente disciplinado e, sobretudo, que deseja o controle.

Portanto, são essas autoridades sobre os modos de condução via responsabilização de nossas condutas que se encontram os modos mais sutis de governo da vida, corroborando com a afirmativa de Foucault (2004), sobre “o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essas coisas que nos domina e nos explora [...]”. Por essas considerações Soares (2019, p. 70) afirma que:

Toda a tradição que incita o indivíduo a cuidar do seu corpo de uma maneira obsessiva, a buscar enquadrar-se em modelos totalitários, ao mesmo tempo em que o incita a vigiar o outro, a vigiar a população, culpando-o e culpando-a é porque onera os sistemas de saúde com seus vícios, ou, simplesmente, com seu corpo excessivo, apoia-se em uma concepção fascista do mundo.

Para tanto, esse poder que subjetiva operando sobre os sonhos de um corpo sempre ativo, perfeito e saudável, é o mesmo que, contraditoriamente, é julgado por uma moral do esforço, segundo Courtine (1995). Por isso, é também sobre esse mesmo corpo que recai toda uma responsabilidade e culpabilidade. O corpo sempre foi e é meio de intervenção, o alvo da intervenção e, sobretudo, o culpado do insucesso da intervenção. Sobre ele que se operam diversos assujeitamentos que tornam o indivíduo responsável pela falta de sucesso e pela falha na prevenção do mal. Isso também se justifica nas palavras de Soares (2019, p. 66) ao afirmar que:

E é ele mesmo que deve suportar os suplícios e ser penalizado pelos pecados cometidos e possíveis de serem contados. A doença que se abate sobre o corpo e mesmo a morte são reveladoras dos desvios, dos excessos do corpo que desrespeitou as regras do paradigma médico-esportivo. A prevenção vai ganhando seu lugar e parece ser ela que desenha de um modo mais insidioso a culpabilização daquele que crê ser, assim, responsáveis pelas suas patologias.

Evidentemente, vê-se que o imperativo sobre o dever de diminuição dos excessos, provoca novos excessos e encarceramento de corpos e desejos. Além disso, esses discursos de responsabilização pelo próprio sucesso incitam mais um discurso de responsabilidade por autogoverno de si, de suas condutas. Assim, vê-se mais uma clara evidência que essa prática corporal se insere igualmente às demais práticas corporais da cultura *fitness*, como uma perspectiva de tribo, por também apresentarem discursos legitimadores pela busca constante da boa forma física (LANDA, 2009).

Porém, reconhece-se também que, diferente das demais práticas corporais, o *CrossFit* como um fenômeno relativamente novo apresenta-se a partir de novas subjetivações, elementos estéticos e políticos muito específicos, atuando principalmente sobre conduzir condutas e desejos, o que implica novos elementos de efetivação de uma biopolítica, numa sutil forma de governabilidade sobre os corpos (FOUCAULT, 1998). Desse modo, corrobora-se com a ideia de que o *CrossFit* é um dispositivoⁱⁱⁱ biopolítico contemporâneo, pois o poder que se opera sobre o corpo está centrado em como indivíduos desse grupo devem viver, num modo de educação do corpo que atua governando no sentido de ordem moral, conduzindo condutas, regulando e induzindo sobre como devemos nos vigiar e cuidar de si. Ainda que o conceito de biopolítica esteja atrelado a normalizações que atinja em nível de população, compreende-se que as afetações do *CrossFit*, não se restringem ao seu grupo, mas a todo um grupo pertencente de uma população, que é a cultura *fitness*.

Portanto, esse dispositivo contemporâneo de melhoramento corporal constrói-se principalmente por meio de discursos bem definidos e motivacionais, que operam um novo sentido sobre a vida desses praticantes, o que expressa, uma intervenção que continua a reduzir as suas realidades funcionais e biológicas. Porém, desta vez, sobre uma autogestão das emoções negativas, como salvadora dos problemas, constituída de emoções sempre positivas e nunca negativas, sobre um “desistir nunca” de uma vida anestesiada dela

mesma. Ou seja, uma vida camuflada de sentimentos, em um discurso que induz a uma espécie de “evangelho” do desempenho, do aprimoramento para além de funcional, mas um aprimoramento controlado e bem regulado sobre o que se pode pensar e sentir.

Por fim, ressalta-se que camuflar, anestésiar ou mesmo tentar eliminar a negatividade que é de certo modo, manutenção da vida, só nos levaria a uma ação que não seria exatamente humana. Desse modo, isso nos leva a reconhecer que tal como as lentes de Ionezawa (2016), ao referenciar Deleuze, no encontro entre corpos, as relações consigo e com outro é uma questão de jogo e decisões para a vida, seja para alegria ou mesmo para a tristeza. Assim, nos esclarece que nos tornamos potentes pelos efeitos dos afectos^{iv}, ainda mais quando eles são positivos. No entanto, é essencial reconhecer que regular demasiadamente, a ponto de excluir toda e qualquer sentimento que se oponha à alegria, não está no campo da condição humana, reconhecendo, portanto, que somos ilimitados, e, nossas condições de existência se organiza em meio às infinitas sensações e emoções.

Considerações Finais

Mediante a organização dos resultados, reconhecemos que novos discursos vão sendo produzidos diante do ato e dos efeitos da pesquisa. Assim sendo, os resultados também são parciais e limitados ao que foi possível identificar, conforme direcionamos nossas ferramentas de análise, cuja construção é impulsionada, de certo modo, por um desejo de encontrar modos outros de interpretações. Portanto, também reconhecendo que os modos de educação do corpo na cultura *fitness* são efeitos das representações, de técnicas, dispositivos e discursos, pelas relações de poder-saber, interpelamos essa analítica com a organização de seis seções, a qual apresentamos apenas duas neste artigo.

Seus eixos temáticos nos conduziram a reconhecer que nesse cenário essa prática corporal sucinta características da sociedade disciplinar, porque propaga “melhor desempenho, em menor tempo e com a maior economia de energia possível”; assemelhando-se à estrutura formativa da disciplinarização dos corpos. Assim, vê-se a continuidade de sutis formas de controle, com a distribuição eficiente e produtiva dos corpos, no tempo e no espaço. Acredita-se que nesse cenário, a lógica que rege as políticas de educação do corpo se opera como um arquétipo das condutas “ditas saudáveis” e de uma espécie de ditadura da beleza coletiva, as quais se disseminam pelas vias do caráter

Educação do Corpo e a prática corporal do CrossFit: usos políticos e sentidos estéticos da cultura fitness normalizador dessa prática corporal. Desse modo, isso se exerce tanto pelas vias do biopoder quanto da biopolítica, com a condução das condutas individuais e grupais, que também vêm disfarçadas pelos discursos de lazer produtivo e preventivo, pela via da culpabilização e responsabilização pelo autogoverno de si. Para tanto, ainda que o modo disciplinar e de controle não se estenda diretamente a uma população, tendo em vista que foi pesquisado um determinado grupo, ela contempla uma dada cultura ampla que são os aglomerados das condutas *fitness*.

Em síntese, esta pesquisa oportunizou percorrer por diversas teorias, referenciais, sensações e interpretações múltiplas. E por perpassar por um momento único mundial de pré; entres; devires e pós-pandemia, é perceptível as grandes ressignificações do todo que são os corpos sujeitos “do e no” mundo. Sem dúvidas, as práticas corporais foram das principais áreas que objetivaram o quanto empreendedor de si mesmos, devemos ser. Nunca fomos tão responsáveis por nós mesmos e pelos demais, por isso, foi necessário assumir todas as consequências, sem seguridade, muito menos singularidade, apenas a certeza do quanto somos governados e responsáveis pelos resultados, à medida que fomos incitados a se autogovernar.

Referências

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Ed. Porto Editora, 1994.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 81-114, 1995.

CROSSFIT, Inc. **CrossFit Journal**. [on-line]. 2019. Disponível em: <https://www.crossfit.com/>. Acesso em: 3 abr. 2019.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

FARHI NETO, L. **Biopolítica como tecnologia de poder**. Interthesis, Florianópolis/SC, v.5, n.47-65, jan./jul. 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, n. 2, 2003, p. 371-389.

FLICK. Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Tradução Joice Elias Costa.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Nau Editora. 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Leya, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**. A vontade de saber. São Paulo: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 2004.

GALAK, Eduardo. CONSTRUIR EL CUERPO: cuatro consideraciones epistemo-metodológicas y tres metáforas para pensar el objeto de estudio ‘cuerpo’. **Poiésis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIVALI**. Tubarão/SC, v. 8, n. 14, p. 348-364, jul./dez., 2014.

GALAK, Eduardo: “Educar (con) la mirada. Discursos políticos y sentidos estéticos sobre la cultura física em noticieros cinematográficos”, em Gregorio Weinberg: **escritos em su honor**. ed. Ossen bach Sauter, G., CLACSO, Buenos Aires, pp. 55-74, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLASSMAN, Greg. **O Guia de treinamento de nível 1**. *CrossFitJournal*. Direitos Autorais CrossFit, Inc., 2018.

IONEZAWA, Fernando Hirome. Três pedacinhos de corpos em Deleuze: ética, potência e transformação. **Revista Margens Interdisciplinar**, v. 6, n. 7, p. 155-170, 2016.

LANDA. María Inés. SUBJETIVIDADES Y CONSUMOS CORPORALES: um análisis de las prácticas del fitness em España y Argentina. **Razón y Palabra**. México, DF, v.14, n. 69, p. 01-34, jul./set. 2009.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 3. ed. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A Transfiguração do Político**. A tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

PERUZZO, Círcia Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 125-145.

SOARES, Carmem Lúcia. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p.75-86, 2008.

SOARES, Carmem Lúcia. Escultura da carne: o *bem-estar* e as pedagogias totalitárias do corpo. In: VEIGA-NETO, Alfredo; RAGO, Margareth. *Para uma vida não-fascista*. Autêntica, 2019. (Coleção Estudos Foucaultianos).

VEIGA-NETO, Alfredo José de. Foucault & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Notas

ⁱ Esse termo é utilizado a partir do conceito utilizado por Michel Foucault. São chamadas de “disciplinas”, os métodos “que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade -utilidade” (FOUCAULT, 2014, p.133).

ⁱⁱ “A maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 2004, p. 236).

^v Pensamos em Dispositivos para designar o que Foucault defende como conjunto de elementos discursivos e não discursivos que fazem funcionar e criar micro e macro relações de poder resultando, assim, na produção de subjetividades. Como um exemplo dos primeiros dispositivos empreendidos nos estudos de Foucault, citamos o dispositivo da sexualidade, que fazem ao longo da história o funcionamento de uma série de produções de subjetividade sobre o corpo, em termos de assujeitamentos e repressões.

^{vi} Os afectos são os vestígios que os corpos produzem entre si nos encontros que realizam (DELEUZE, 1997, p. 156).

Sobre os autores

Jerlane Santos Abreu

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS/ São Cristóvão-SE (2021). Licenciada em Educação Física pelo Centro Universitário Ages -UniAges (2015). E-mail: jerlaneabreu@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5753-4263>

Fabio Zoboli

Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – PPGED/UFS. Pós-doutor em "Educação do corpo" pela Universidad Nacional de La Plata – UNLP/Argentina. E-mail: zobolito@gmail.com Orcid <https://orcid.org/0000-0001-5520-5773>

George Saliba Manske

Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI/SC. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: gsmanske@yahoo.com.br Orcid <https://orcid.org/0000-0003-0117-7927>

Recebido em: 07/07/2021

Aceito para publicação em: 18/07/2021